

**VERA  
PEDROSA**  
A ÁRVORE  
AQUELA



**VERA  
PEDROSA**  
A ÁRVORE  
AQUELA

**COSACNAIFY**





# Do ar

são cidades do jaguar  
selvas do puma  
matas e serras  
que antes abrigaram  
a serpente emplumada  
monarca no ar e no inframundo

ao norte são narvais seus dentes  
artefatos de marfim canoas dos inuit  
gelos flutuantes  
e no entorno  
mares verdinegros  
a perder de vista

# Corvos

sete corvos gritaram entre guindastes  
alarido ao sol poente  
vozes ásperas

no silêncio da manhã  
passei por prados colinas  
cordeiros natos de há pouco  
é mesmo assim  
perguntei  
corvos roucos entre guindastes  
oxidadas engrenagens  
pontes  
ficaram para trás  
pulsaram postes  
é mesmo assim?

a sucessão de estacas verticais  
e de dormentes  
e o cinza o úmido  
a estação de onde se chega ao cais  
cheiro de mofo e sal  
é cedo ainda

# Milan Gray Milan

então cheguei  
à cidade grisalha molhada  
passos incertos no calçamento quebradiço  
a tarde oca de som  
andei a sós sem pensamento  
que é quando passos ressoam ecoam tiqueteiam  
e nas urbes se ouve nos bolsos o tilintar de chaves  
e só isso povoa o silêncio

aí cheguei ao prédio  
o endereço certo mas o pórtico  
com pesados estandartes negros  
flutuantes debruados de dourado  
e no pátio interior vestido de preto  
um caixão entronizado  
desacompanhado sem flores  
e ninguém a quem indagar  
pessoa nem voz nem nome nem escrito  
retrocedi  
voltei os passos  
por ruas carcomidas  
paredes mudas  
vidraças cegas  
e no entanto  
foi falso presságio  
o morto que pensei não era ele  
no velho edifício dos negros estandartes  
ainda vive e cria



# Gotham City

no cânion de concreto  
chibatadas de vento  
uma entre tantos  
na indistinta indiferença da intensa transumância  
a nostalgia  
da maresia do salitre  
de roupas na brisa mansa  
de ouvir alguém dizer  
a palavra suportal  
antes  
passei entre os deserdados  
as garrafas vazias os sacos de trapos  
vi catres através de janelas térreas  
alinhados em promíscuos dormitórios  
a serem pagos ao vintém por noite  
destituídos dentre os destituídos  
quem eram e por quê?

# No gabinete

1.

pausa para a ave sagrada nos altos da árvore da vida  
acima da serpente que se esgueira  
pelo eixo que une e separa  
pausa para a ave oculta nas dobras do tecido  
bordado em ouro e pérolas  
fios de seda e sombra  
fecho o livro  
na tarde lenta na mormacenta modorra  
no gabinete fechado contra a luminosidade baça  
o peso de coisas guardadas  
sufoca com seus fungos  
da rua se ouvem passos de gente que corre  
cuidadores de cães que quando se cruzam  
ouve-se a escaramuça  
abro a janela  
acima da pedra  
viva como lombo de animal  
ferve de espuma o horizonte alto  
folhas embaixo levemente se agitam  
logo o sol declinante tingirá o rochedo  
de tons de rosa e laranja  
fogo e água  
um sopro inesperado me arrepia

2.

o dia flui  
luminoso aberto  
árvores lavadas por chuva recente  
dia simples  
e brilha  
pescadores quietos à distância  
  
à tarde  
efervesce o topo da montanha  
encrespa-se de leve a superfície da lagoa  
passa um homem no seu barco  
silhueta esguia  
  
além da água  
prédios claros aquecem-se ao sol  
  
um homem arma o cavalete

à sombra da amendoeira  
desenha na cartolina branca  
um barco uma parede

3.  
no lusco-fusco  
de longe acompanho o deslocar-se  
de um entre tantos barcos deslavados  
redes de matéria luminosa  
fosforescentes pairam nas proas  
levitam sobre elipses de prata nos balaios

o nauta põe-se em pé  
indiferente a quem passa na calçada  
no casco precário  
ereto  
senhor de seu tempo

# The Black-jack Gypsy

desviava cavalos  
sussurrava-lhes palavras que sabia  
e o seguiam a trote pela porteira  
era moreno e belo

observá-lo  
somente de esguelha  
te descuidavas  
e ficavas para sempre entre os dele  
a viver na caravana  
chamava-se Jasper

quem há séculos o seguiu  
foi nobre dama  
deixou atrás de si conde e castelo  
e luvas da mais fina confecção  
delicadas luvas de pelica branca

# Kipling

as the dawn was breaking  
a sede arrasta a corça  
à poça turva  
abaixa o pescoço  
bebe  
susta o sorvo  
ergue a cabeça  
salta em susto  
narinas tremem  
é observada no recuo:  
this I stalking alone beheld  
ouve-se distante dissonância  
uivos da alcateia  
que ao alerta da sentinela solitária  
se aproxima  
lobos cor de bruma na madrugada

# Tela

um colar de âmbar  
aquece o colo branco  
o retrato é plácido e especular  
mangas de cetim  
adereços de ouro e renda  
braço pausadamente erguido

como descrever um quadro  
mundos ditos ao contrário  
manchas de cor figuras  
traços vistos como signos  
truques hachuras  
uma tela um aranhol de traços

se a palavra confunde  
o olhar não mente  
aceita rejeita  
se vê o que se vê

# Artesão do barro

as finas mãos  
voam precisas moldam a  
terra pliável  
dedos azuis  
ágeis como os pés de um pássaro

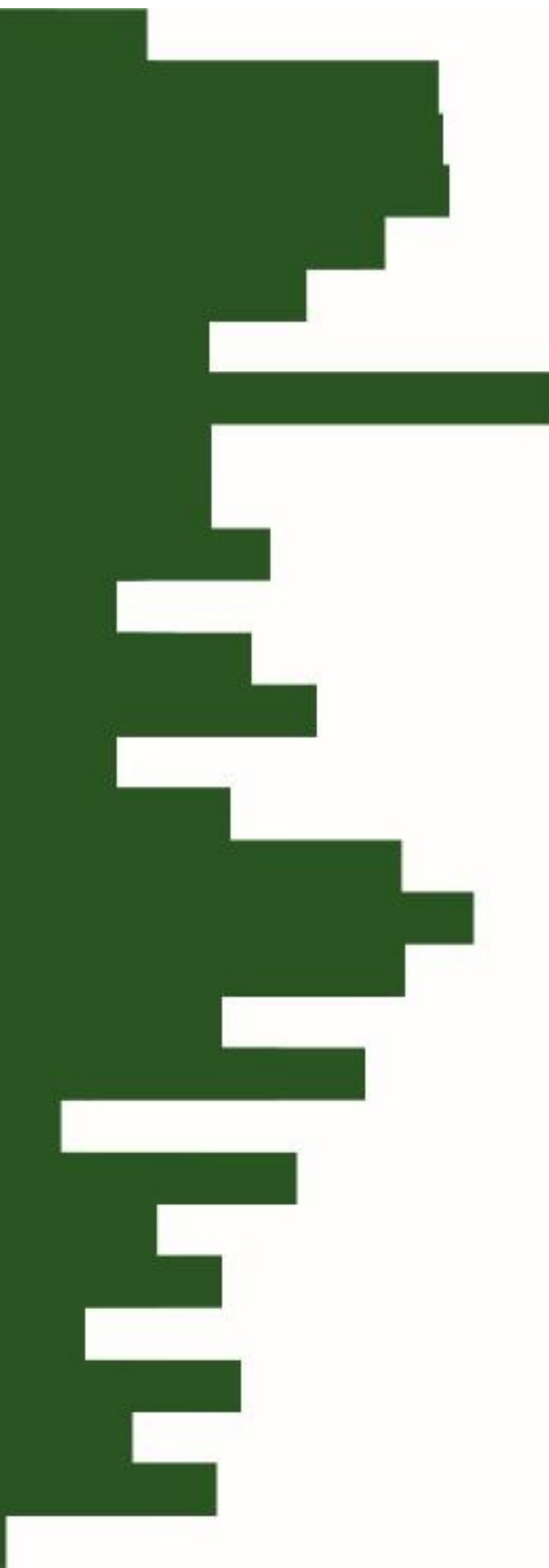
# Pandora

na áspera restinga  
indiferente ao enxame de males  
ao liberado infortúnio  
deambula  
não observa  
o alambicado revoluteio  
não ouve o zumbido  
nem os vê os entes solertes  
o movimento rastejante  
daqueles seres que farfalham  
sob folhas caídas  
nem treme quando a seus pés  
correteiam lagartos de barriga fria  
escaravelhos que empurram  
orbes de esterco  
libélulas miméticas que de leve soam  
algo ficou no cofre  
escapou não escapou não sabe  
sozinha pensa  
não  
não há de ser nada  
neste matagal me guardam  
os pontos cardeais  
as direções do vento  
e minha boa Senhora  
da Boa Esperança





LUIZ  
NO  
RIO



# Luiz no Rio

na véspera visitei sua mãe em Santa Tereza  
vendo a cidade entre frestas  
cymbidium alexanderi  
a dificultar a descida para a casa  
por desiguais degraus de pedra  
tremia sobre o braço dobrado  
oferecida por procuração  
a orquídea meio rala  
que colocou à janela  
falou-se só de coisas passadas  
momentos entesourados

naquele dia  
na tarde que a cada um acolheu no mesmo afago  
sobre chá com torradas ele lembrou o poeta  
lembra ele disse  
entre nós palavras tão frias jamais foram  
pronunciadas  
lá fora o trânsito resmungava e rugia  
o asfalto brilhava

o teu e o meu lembrou  
o amigo na tarde de outono  
tarde de paz  
de paz e dourada  
o teu e o meu  
tua desgraça minha sorte meu pão tua miséria  
tua ferida minha alegria meu labor teu esporte  
tua graça minha carência meu excesso tua falta  
tua vida minha ideia  
o poeta ele disse  
numa cidade desfazendo-se

voltei à tarde anterior  
pensei na mãe em Santa Tereza  
sentados um aqui outro ali  
na mesa os restos do chá  
imersos na aura alaranjada  
na tarde de outono citou o poeta  
palavras tão frias  
qualquer um teria dito  
aquela mulher era voraz  
faria do filho um misantropo

o filho ela queria só dela

uma tarde como tantas  
sem sobressalto  
palavras habituais  
consciência em equilíbrio  
amigo sem nenhum sobressalto  
darling dearest  
e não nos envergonham me disse  
nossa fala de trivialidades  
nossos queixumes comentários  
as fartas frivolidades  
há dezessete anos nos ouço

quando me deixou  
desci à lagoa a ver de perto os barqueiros  
regressavam com a pesca  
segui da calçada um barco azul  
um pescador de japona escura  
o outro trabalhava  
o barco se movia  
pelo esforço de seu braço deslizava

tua luta minha luta  
deserção falha

foi anoitecer de ígnea incidência  
dos que explodem antes que a luz esmoreça  
crepúsculo afável sobre os telhados  
brando sobre a água  
tarde demorada  
a memória a prolonga com o amigo  
irmão amado

# Conversa em curso

por que não paro de falar contigo  
és duro na queda  
ficas aí no meu ouvido  
e mal te ouço

culpa há sem dolo  
não queria que te fosses  
a ausência como nódoa  
como desfeita de quem falha

não  
não foi de ninguém  
pior seria uma saída desavinda  
que a partida inesperada  
pior seria um corte sem aviso  
imposto ao desejado

só que  
não tinhas que partir tão cedo  
falo não sei se ouves  
assim ao afastar-te devagar

# Desaforo

ouça Lu  
preste atenção  
um mais dois é igual a três  
um é igual a um  
somando um dá dois  
três dobrado dá seis  
mais quatro é dez  
um mais dois mais três  
mais quatro é dez também

bom é mesmo o nove  
nove vezes três é vinte e sete  
que se lê dois e sete  
três menos um é dois  
soma dois com sete dá nove  
nove vezes sete é sessenta e três  
que se lê como se lê  
sete menos um é seis  
e seis mais três dá nove  
é sempre assim com o nove  
entendeu seu burro

# Lu

o céu muitos dias parado no azul  
supõe-se que tudo bem tudo perfeito  
mas a luz a luz esfumaça  
a paisagem urbana esmorece contra o fundo saturado

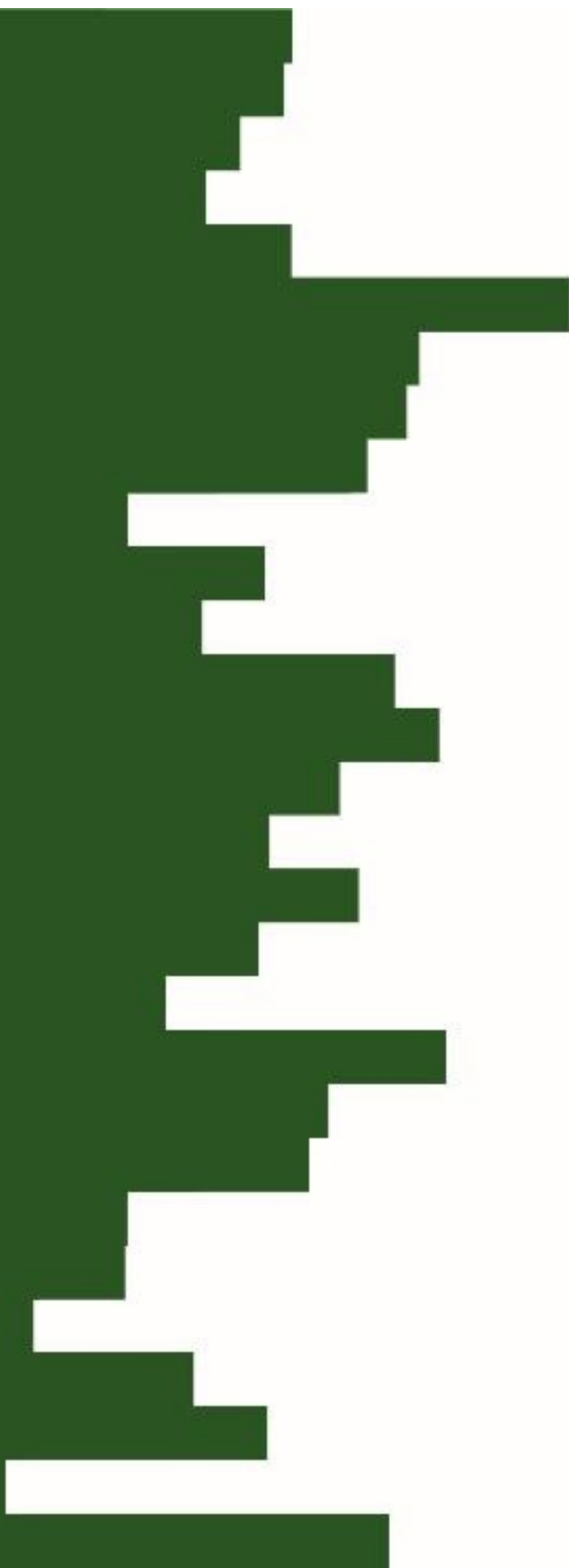
graças a deus  
quando podia chamar-te  
a cada instante estar aí  
almofadas brancas no sofá escuro  
a ampla Benedita acarinhando plantas  
nos enfileirados potes  
perfume no ar  
de alho sendo frito na manteiga

teu ouvido está fora de alcance  
o paciente ouvido  
enquanto embaixo  
vinda do térreo  
uma gaita de fole  
se ouve persistente  
na manhã domingueira  
nesta urbe que se dota  
de um só rio desidratado  
e entre amigo e amiga  
um oceano de distância  
a engolir em seco





**MARES  
DO  
NORTE**



# Mares do Norte

pisam de leve nas tábuas de cedro  
sandálias douradas descrevem círculos na serragem  
o céu antes nublado agora se abre  
o par se move diante de suaves colinas  
e rico mar piscoso e água fria

no entardecer  
ossos estremecem  
mantas agasalham ombros  
bebe-se do vinho seco da terra  
servido fresco em cuias de porcelana

da janela em tarde abrasadora  
saudosa de Tuy de Compostela  
distante da praia América  
lábios tocam a borda do cálice  
inclinado  
na direção do mar do Norte

# Veladuras

1.  
preciosas veladuras  
envolvem a vida que fervilha na planura  
acima dos restos dispersos  
de tesouros afundados na vasa ardente  
véus resguardam flores  
a ondear sobre talos e ramagens  
são fogo e valor

flutuam na brisa páginas soltas  
transparentes quase

2.  
o poeta em êxtase  
torna-se uno com céu e terra  
formas coleantes o roçam ignoradas

3.  
musa intemporal  
ensimesmada ante amantes  
enlaçados em devaneio e doçura  
pensantes  
aos quais não acedemos

4.  
campo que atravessa o andarilho  
no espaço que a luz submerge  
cintilam estacas singulares  
por ali caminha ereto o andarilho

# Dádivas

abre-se um prisma  
na mão estendida  
irradia

o plano evoca vozes palmas cadências  
risadas palavras gratas

uma janela abre-se ao vento  
abre-se ao perene dia  
ao incêndio  
ao desdobramento permanente  
da coisa contínua

abre-se a janela a águas serenas  
à voragem  
a vertedouros e estuários

à distância descortina-se a planura  
um campo ilimitado  
que a aurora abre

# A lo lejos

1.  
que tempo estranho e como árduo foi aquele  
ainda ouço a se esmaecerem vozes antigas  
e vejo rostos no entorno que se esquivam  
não sei  
não lembro

2.  
contam-se histórias que não as verdadeiras  
não as marítimas serranas  
que as cantavam vozes maviosas  
e embalavam o langor de tardes lentas

3.  
aqui não sou ouvidos  
aqui se fala alto  
aqui se grita  
aqui atordoia

4.  
o tempo célere  
oblitera entrecchos de caos e alheamento  
tonteia soterra história intrincada  
frases se confundem  
dissipadas sob o rumor de  
palavras incessantes

5.  
à borda da piscina a mulher  
se aquece ao sol  
volta o rosto se abriga  
nenhum acidente no ar  
vê-se distante  
do monte das meigas das casas de pedra  
de túrgidas nuvens iminentes  
vê-se  
e é tudo então  
concomitância

6.  
âmbito dulcíssimo  
do bosque de carvalho  
echarpes de lã ao vento

à beira-mar nas rochas  
os percebes  
seu cheiro agudo

7.  
vem em seguida o campestre  
de dura aresta  
rudes rumos da Castela seca

# Quadros

disfarce de afeto

face

da resguardada convivência

o falso indiferente mantém recolhido

o parco afago

não engana no entanto

encantadas crianças

que o conheceram e amaram

nos desenhos

há deuses vulcânicos

leitores se agacham

entre folhas e páginas dispersas

a vida toda em cadernos vermelhos e pretos







# Planalto

o ar gélido toca de leve o rosto  
um vento andino cheguei a pensar  
imaginando que ouvia ali naquele ermo  
o som de quenas  
o som do sopro que anima a Cordilheira  
o som oco do ar  
quando passa pelo bambu

# Cavalo

no clarão  
a figura de um cavalo  
cor de cinza e claro  
estardalhaço de papel crepom flores e fitas  
e se impacienta  
ânsia de voo

no planalto  
o espaço é ilimitado  
se não te estancas na borda  
uma força talvez te aspire  
ou tropeces talvez  
em direção ao oco

já o cavalo  
sabe o espaço  
o espaço no galope  
despenca pelos lados  
enquanto o tempo  
insaciável  
predador  
dispara

# No rumo do leão adormecido

a caminho  
de novo os confronta o mar  
mar da vertente de pelicanos  
leões-marinhos  
crustáceos de viva cor  
e grandes rochas luzentes de sal  
chegam à praia  
onde há pedras desprendidas  
de um antigo quebra-mar  
pisam mal  
o sol atrás de nuvens baixas  
blocos no quintal de adobe que se desfaz  
paredes desmanchadas de algum antigo ontem

a atmosfera é cor de cinza o solo é árido  
em tons de violeta ocre e azul  
de terra e óxido

o céu baixo envolve os viajantes  
no aperto da densa umidade  
que contra a vontade de ambos  
os intimiza  
o ar carrega odores violentos  
de iodo e sal e vida marinha  
cheiro de marés velozes e  
nuvens-espuma

montanhas se movem  
se mostram se distanciam  
é uma terra  
que a qualquer momento  
se abre em gretas

espigões de pedra mar adentro  
fervilham  
na euforia do oceano

na placidez do pavilhão avarandado  
um senhor os espera  
prato de figos sobre a mesa  
leão de gesso entre livros  
uma ânfora na estante espartana  
cansados chinelos de couro velho largados no tapete

e o rádio irradia voz rouquenha

a visita breve lhes fará saber  
que o tempo é este

# Farta de flores

o arbusto é magnético  
a planta farta de flores  
vejo flores brancas  
sobre a superfície ebanizada  
algo faz fremir as pétalas  
translúcidas  
não me distancio  
acaso me alheie ignorarei o perigo  
que algum cipó dissimule  
vejo uma esfera na penumbra  
é fulva é rutilante

agarrá-la  
antes que o arbusto se desfaça  
as flores despetalem

# Quem se lembra

foi em julho  
um dos presentes  
um jovem de cabelos negros  
pôs-se em pé  
parecia deslocado na plateia

deu ciência de que estava ali  
fazia um frio de montanha no verão  
a música era melancólica e indígena  
vento nos juncos silvos na grama

como que hesitou  
alguém se afastou para deixá-lo passar  
sandálias  
longa trança negra  
pisada silenciosa  
silhueta em branco  
frente a cadeiras dispostas no jardim

não disse palavra  
o moço cujo rosto não vi

# Três lagos

1.  
o asteroide mergulha no lago  
o clarão logo se apaga  
é como se todo um continente  
mergulhasse no vasqueiro espaço  
de um canto do teu quarto

2.  
o lago é visível à luz do dia  
asas transparentes o sobrevoam  
não tocam a superfície  
a água borbulha em lugares  
eras choveram sobre o magma  
magma vivo no fundo da cratera  
a profundidade não se mede  
de vida invisível não se sabe

3.  
em Ranrahirca  
a fosforescência debrua o lago  
a linha verde



# Petroglifos

o avô, o pai  
beberam de pilches de osso e prata  
pura água de degelo  
sob cumes nevados  
em locais ermos e eles no vento frio  
detidos ante carcaças de templos vazios  
que o espírito havia há muito desertado  
levavam mantas de finos fios  
tramadas como o próprio universo

seguiam caminho

dos casarios percorridos  
rostos graves os observaram  
guardiães segundo se dizia  
de um povo diminuto  
que àquelas altitudes  
dissimula a vegetação rasteira

ouviam no vasto silêncio  
gritos de aves que já não voam  
decifravam sinais gravados  
nas laterais das cavernas  
sozinhos no altiplano  
sob o olhar das harpias eram vistos  
por olhos percucientes  
que veem o visto



# A ÁRVORE AQUELA



# A árvore aquela

mais ele via a lua  
quando nela discernia cornos de touro  
água a jorrar de um jarro  
um cálice oferto  
das mãos de aves leoninas

mais amou segundo disse  
quando menos amou o ser amado  
compadeceu-se de quem iluso caminhava  
de quem se aferrava a si e ao outro

naqueles dias andava a buscar  
no fundo da mata  
uma poça com a árvore invertida  
reflexo da árvore aquela  
que une os mundos  
e cujas raízes com as da outra  
no espelho da água  
se agarram e entrelaçam

# Sol por montanha

contra o céu  
uma árvore em ouro  
fulgura  
parca vegetação bordeja a senda  
na meseta o sol de sete raios  
ilumina o que lembra  
ruína de uma pirâmide  
que a sobrevoem aves com garras

ali quem anda  
vai por caminho a custo entrevisto  
entre alçados paredões  
e rochas

# Momentos

1.  
o menino (delicado, irônico)  
murmura quando joga  
cala tem segredos

2.  
por que a noiva cega  
retirou-se de cena?  
não tem olhos para ver  
não vê

3.  
o retirante  
largou na correnteza o fardo  
ofegante chegou à margem

4.  
temem por ele  
temem tanto que param  
petrificados

# Pedro, Ines, Antonio

1.

Pedro

mãos românicas

lisas

como as daquele a quem mais lembra

nariz cinzelado

olhar doce e copta

andar

convocar-se

desde a entranha

2.

Ines

sempre dizias quando perguntada

I'm happy

intrépida

o coração intenso

pisas com brio os novos quadrantes

o olhar agudo

a vontade clara

3.

Driftwood

na constante refrega

se avança se recua

se pisa de lado

a madrugada com gosto de ferro

esvaída lembrança

rola na maré

quem sabe de onde vêm

as fulgurações

as epifanias

4.

passagem

tão recente a doce beleza

a inocência de que ninguém oxalá

de todo se despeça

em torno de cada centro  
círculos vão se alargando

5.  
Antonio

vovó  
por que o céu é uma cor  
perguntaste uma vez  
e te respondo  
respira o céu ultramarino  
vê a cor da distância  
entrega o rosto à luz  
que celebra o dia

6.  
flores

no vaso de pedra tosca  
vê de novo o lírio  
o agapanto as calas  
assentados ali  
para alegrar o dia  
alegrar os corações

7.  
no cerne é sempre a chama  
a alma serena e clara  
água canora  
e amor profundo



# Mamita

meus cabelos cresceram  
a chorar minhas mágoas  
cresceram do solo lisos e pungentes

não pensei que quem enveredasse ao lado  
pela trilha de cascalho  
ouviria um canto  
um pranto estridente  
no campo mesmo  
onde resplandecia em menina  
minha face de romã

# Na mata

pontos luminosos entre formas indistintas  
de arvoredo e lianas  
parecem grossas gotas de mercúrio  
que lentas deslizem

# Redes e casuarinas

um à sombra da varanda  
enlanguesce na rede  
ao lado da que escreve

o velho Manuel caminhava incólume sobre espinhos  
pisava descalço na vegetação rasteira  
atravessava como brisa o trançado da mata  
agarrava cobra na cabeça à mão nua  
por ciúme do emprego  
foi morto a pauladas

à casa que Mary construiu  
vão netos e bisnetos  
ninguém a vê da estrada  
da praia não é vista  
não lhe agradava o ruído incessante  
das casuarinas  
aborrecia a ventania brava  
vinda do mar  
que não quis a todo instante

terra adentro  
esmorece o vento austral  
e ainda há calma ainda há silêncio

# Arcanjos

da penha branca na parede branca  
preside a imagem grande  
de Miguel Arcanjo  
rigoroso  
ao lado a tela antiga  
com Tobias e o peixe  
é ele Rafael Arcanjo  
protetor dos viajantes

# O cacto

na lua cheia  
irrompeu a flor do cacto  
branca delicada e violenta  
tocada de verde e púrpura  
diáfana extensa estriada

pela manhã  
o cacto havia fenecido  
feneceu da flor  
tão grande era  
foi retirado aos pedaços

resta na restinga  
o assobio constante das casuarinas  
no areal costeiro  
meninos  
gritam chutam bola  
e correm pela espuma

# Catarineta

meu pai cantava

eu venho da madrugada  
eu bati à tua porta  
eu bati  
tu não respondeste  
senhor dono desta casa  
se não me abris esta porta  
não sois feliz não sois nada

e entoava

Prinspo eu não te disse  
ai que tu não fosses à guerra  
ah mas o príncipe  
de ai teimoso  
virou-se em cinza em pó e em terra

chupava mangas no jardim  
sob o ar suave  
que movia palmeiras inclinadas  
um guardanapo branco  
sempre grande  
atado ao pescoço  
por seus dedos e mãos  
escorriam veios áureos

mergulhava os braços  
mangas arregaçadas  
com sumo gosto  
na água irisada  
da bacia de esmalte  
enxugava-se na toalha branca  
que recendia a sol



PASMO

[Redacted content]

[Redacted content]



# El malevo

palavras do mal pensado dardos de chumbo  
extraí-las da carne  
o mágico de turno  
exibe na palma aberta  
cravos cor de sangue  
já a vítima se incorpora e deambula  
o mágico oferece a mancheia de safiras  
e ri  
um esgar  
a lona é de sinistra tessitura  
me voy  
no estoy de bromas

# Despertar

outra vez rostos anônimos te confundem  
retrocedem se sucedem contra um fundo sanguíneo  
olhos te fixam percucientes  
atravessam a alma  
enxergam dentro  
são vistos na aurora fria  
há um abismo ao pé da cama

e amanhecerá  
e logo tudo será como se nada  
algazarra de aves  
o céu outra vez diáfano  
extenso esgarçado

# Rondó

vento Solano  
ouriflame  
circulares estrondos  
aquí  
    ali  
urdiduras  
velaturas  
anedotas sólidas  
de taverna

# Viagens

o tempo vencendo  
e se abrem em leque  
espaços a vencer  
dias desembocam em noites que  
desembocam em dias e estes  
em noites

Mãe grande terra  
ampare

noites regidas  
por sonhos  
neles nos desgarramos

# Progresso do guarda-chuva

vai o homem pela rua  
o guarda-chuva amarelo e ele sob  
a redoma um santuário  
e ataca a intempérie  
tropeça e luta  
o vento arre pia poças  
o homem avança hesita chega à esquina  
desaparece  
some

# Um barão

quem foi um barão de Nonoai  
veio a pergunta  
talvez o tapete  
num mesmo lugar de outro tapete antes  
talvez a arquitetura  
a sala a lembrar outra sala  
nem ideia  
de onde chegou aquele nome

foi numa casa com jardim  
em plena costa desértica um paraíso  
buganvílias no terreno pedregoso  
daturas de flor branca e amarela  
jasmim-manga  
cactos e suculentas  
areia grisácea  
esplendor

um pequeno ser redondo  
olhos de rolimã  
vigiava temeroso  
atrás de um círculo de begônias  
e nunca se soube que bicho era

ficou daquela tarde aquele nome  
de um barão não sei quem

# Tô indo

escapando da chatíssima hora do lobo  
dos beligerantes antigos seus elmos de ferro  
dos chacais imundos das opiniões de pacotilha  
de nuvens de fogo solidificadas do mesmo do mesmo  
escapando do contrincante taciturno  
sacudindo o lodo dos ombros  
liberando os pés da vasa  
gritando  
gritando

# Toaleta

ao sair

veste o par de luvas que na hora de vestir

encontra outras luvas dentro



# Mudança de endereço

andava havia luas com a carta  
hesitava em destiná-la  
aborrecia pensar nas demoras  
inquietava pensar que mudando de cidade  
os rumos são outros  
vê-se no céu o crescente ao contrário  
a incidência é outra do sol ao despertar  
desorientação  
assim como a planta deslocada  
de uma para outra janela longe  
se inclina a buscar a nova luz  
o que estava ao norte  
deslocou-se para o sul

# O mundo longe

vivo à distância  
aquém do céu plúmbeo  
carregado do tormento  
do todo acontecendo  
como pode ser assim?  
com que direito?

pessoas passam incertas  
como quem carrega dentro  
o peso de um segundo corpo  
o desconsolo a carga do finito

aqui e não tão longe  
iguais se dilaceram

# No Paraíso

busca-se ali uma fonte  
fonte da simultaneidade  
busca-se com as mãos  
os dedos em forquilha

à noite a poça que se forma é opaca  
vez por outra se ouve  
o movimento de animais  
que não são vistos  
entre os galhos altos  
cintila a geometria das aranhas tecedeiras

ao pé da árvore há um farnel de figos frescos  
no estanco há peixes de pequena captura  
e sapos à volta que se escutam

no continuado rumor do arvoredado  
um sibilo se insinua  
e assusta





Este livro tudo deve ao olhar agudo, à confiança depositada, à confiança gerada e à vigilância de Heloisa Jahn, exímia editora e douta. Muitos textos sobreviveram à extinção, nutridos pela sensibilidade, a paciência e o generoso estímulo de meu amigo poeta, Francisco Alvim.

Vive nestas páginas a memória de meus pais, Mario e Mary. E vive a memória de Luiz Duprat, irmão de escolha, e José Luis de Dios, pintor e aedo. No pensar constante estão meus filhos Livia, Bel e Quito, a nora, Lucia, e os netos, Pedro, Ines e Antonio.

As notas são inspiradas pelas de Lucie Brock-Broido em seus livros Stay, Illusion e A Hunger (Alfred A. Knopf, New York, 2013). As minhas não aspiram a precisão. Algumas são apenas indicadoras de locus.

Um sobrevoo da Guatemala - No ar.

Corvos parte da lembrança, sobre trilhos, de um longínquo e estridente corvejar na zona portuária de Nova York.

Gotham City são dois tempos na mesma cidade.

Estamos, No gabinete, à orla da lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro.

Do repertório popular tradicional anglo-saxão, The Black-Jack Gypsy era cantado em família. Histórias de horse-whisperers e da fatal atração exercida por ciganos de olhos cor de bruma sobre nobres damas e inocentes criaturas amalgamam-se à lembrança da fascinada leitura de Lavengro e The Romany Rye, de George Borrow, reunidos num volume extraviado há muitos anos.

The Hunting Song of the Seonee Pack, do The Jungle Book de Rudyard Kipling.

Mares do Norte: a doce Galícia no verão. A memória de José Luis de Dios e sua presença nas telas. A querida meiga Esther Casal, a Perla.

O leão adormecido é uma praia frequentada por veranistas no litoral limenho.

Durante um concerto ao ar livre, um jovem indígena de Otavalo se ausenta sem ruído. Quem se lembra?

Petroglifos. A Mary Lou Parra de Hay.

Minha mãe entoava uma canção do cancionero brasileiro ou ibérico, não sei, em que os cabelos da menina enterrada cantavam como a chorar suas mágoas. Mamita.

Em Na mata, Redes e casuarinas, O cacto e Catarineta, estamos na praia Rasa, atualmente Búzios, antes Cabo Frio, no litoral fluminense. Meu pai cantava os versos citados no último texto como sendo do cancionero ibérico.



# ÍNDICE DE POEMAS

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466	467	468	469	470	471	472	473	474	475	476	477	478	479	480	481	482	483	484	485	486	487	488	489	490	491	492	493	494	495	496	497	498	499	500	501	502	503	504	505	506	507	508	509	510	511	512	513	514	515	516	517	518	519	520	521	522	523	524	525	526	527	528	529	530	531	532	533	534	535	536	537	538	539	540	541	542	543	544	545	546	547	548	549	550	551	552	553	554	555	556	557	558	559	560	561	562	563	564	565	566	567	568	569	570	571	572	573	574	575	576	577	578	579	580	581	582	583	584	585	586	587	588	589	590	591	592	593	594	595	596	597	598	599	600	601	602	603	604	605	606	607	608	609	610	611	612	613	614	615	616	617	618	619	620	621	622	623	624	625	626	627	628	629	630	631	632	633	634	635	636	637	638	639	640	641	642	643	644	645	646	647	648	649	650	651	652	653	654	655	656	657	658	659	660	661	662	663	664	665	666	667	668	669	670	671	672	673	674	675	676	677	678	679	680	681	682	683	684	685	686	687	688	689	690	691	692	693	694	695	696	697	698	699	700	701	702	703	704	705	706	707	708	709	710	711	712	713	714	715	716	717	718	719	720	721	722	723	724	725	726	727	728	729	730	731	732	733	734	735	736	737	738	739	740	741	742	743	744	745	746	747	748	749	750	751	752	753	754	755	756	757	758	759	760	761	762	763	764	765	766	767	768	769	770	771	772	773	774	775	776	777	778	779	780	781	782	783	784	785	786	787	788	789	790	791	792	793	794	795	796	797	798	799	800	801	802	803	804	805	806	807	808	809	810	811	812	813	814	815	816	817	818	819	820	821	822	823	824	825	826	827	828	829	830	831	832	833	834	835	836	837	838	839	840	841	842	843	844	845	846	847	848	849	850	851	852	853	854	855	856	857	858	859	860	861	862	863	864	865	866	867	868	869	870	871	872	873	874	875	876	877	878	879	880	881	882	883	884	885	886	887	888	889	890	891	892	893	894	895	896	897	898	899	900	901	902	903	904	905	906	907	908	909	910	911	912	913	914	915	916	917	918	919	920	921	922	923	924	925	926	927	928	929	930	931	932	933	934	935	936	937	938	939	940	941	942	943	944	945	946	947	948	949	950	951	952	953	954	955	956	957	958	959	960	961	962	963	964	965	966	967	968	969	970	971	972	973	974	975	976	977	978	979	980	981	982	983	984	985	986	987	988	989	990	991	992	993	994	995	996	997	998	999	1000
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	------



ARCAICAS

Do ar

Corvos

Milan Gray Milan

Gotham City

No gabinete

The Black-jack Gypsy

Kipling

Tela

Artesão do barro

Pandora

LUIZ NO RIO

Luiz no Rio

Conversa em curso

Desaforo

Lu

MARES DO NORTE

Mares do Norte

Veladuras

Dádivas

A lo lejos

Quadros

ANDINAS

Planalto

Cavalo

No rumo do leão adormecido

Farta de flores

Quem se lembra

Três lagos

Petroglifos

A ÁRVORE AQUELA

A árvore aquela

Sol por montanha

Momentos

Pedro, Ines, Antonio

Mamita

Na mata

Redes e casuarinas

Arcanjos

O cacto

Catarineta

PASMO

[El malevo](#)

[Despertar](#)

[Rondó](#)

[Viagens](#)

[Progresso do guarda-chuva](#)

[Um barão](#)

[Tô indo](#)

[Toaleta](#)

[Mudança de endereço](#)

[O mundo longe](#)

[No Paraíso](#)

# **SOBRE A AUTORA**

VERA PEDROSA nasceu no Rio de Janeiro. Passou parte da infância nos Estados Unidos. Licenciou-se em filosofia pela Faculdade Nacional de Filosofia. Jornalista, foi repórter e redatora no Jornal do Brasil e no Correio da Manhã, escrevendo sobre artes plásticas. Entrou para o Instituto Rio Branco em 1966. Como diplomata, viveu em Madri, Lima e Paris. Exerceu funções na Secretaria de Estado das Relações Exteriores, no Ministério da Cultura e na Presidência da República. Foi embaixadora em Haia, Quito, Copenhague e Paris.

Publicou em edições do autor os livros: Poemas (1964), Perspectiva Naturalis (1978) e De onde voltamos o rio desce (1979). Teve poemas incluídos em 26 poetas hoje (1976), antologia organizada por Heloisa Buarque de Holanda. Pela editora Bem-te-vi, publicou uma seleção de poemas dos três livros anteriores intitulada De onde voltamos o rio desce (2011).

Tem três filhos e três netos. Atualmente vive no Rio de Janeiro.

## POESIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Mário Alex Rosa Via férrea

Alice Sant'Anna Rabo de baleia

Alcides Villaça Ondas curtas

Laura Liuzzi Desalinho

Fernando Paixão Porcelana invisível

Vera Pedrosa A árvore aquela

© Cosac Naify, 2015  
© Vera Pedrosa, 2015

COORDENAÇÃO EDITORIAL Heloisa Jahn  
REVISÃO Fabiano Calixto  
PROJETO GRÁFICO Tereza Bettinardi  
COMPOSIÇÃO Mário Ferraz  
PRODUÇÃO GRÁFICA Sirlene Nascimento

Nesta edição, respeitou-se o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pedrosa, Vera [1936-]  
A árvore aquela: Vera Pedrosa  
São Paulo: Cosac Naify, 2015

ISBN 978-85-405-0971-9

1. Poesia brasileira I. Título

CDD 869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira: 869.91

COSAC NAIFY  
rua General Jardim, 770, 2<sup>o</sup> andar  
01223-010 São Paulo SP  
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444  
atendimento ao professor [11] 3823 1473  
[professor@cosacnaify.com.br](mailto:professor@cosacnaify.com.br)

# Table of Contents

- [Folha de rosto](#)
- [ARCAICAS](#)
  - [Do ar](#)
  - [Corvos](#)
  - [Milan Gray Milan](#)
  - [Gotham City](#)
  - [No gabinete](#)
  - [The Black-jack Gypsy](#)
  - [Kipling](#)
  - [Tela](#)
  - [Artesão do barro](#)
  - [Pandora](#)
- [LUIZ NO RIO](#)
  - [Luiz no Rio](#)
  - [Conversa em curso](#)
  - [Desaforo](#)
  - [Lu](#)
- [MARES DO NORTE](#)
  - [Mares do Norte](#)
  - [Veladuras](#)
  - [Dádivas](#)
  - [A lo lejos](#)
  - [Quadros](#)
- [ANDINAS](#)
  - [Planalto](#)
  - [Cavalo](#)
  - [No rumo do leão adormecido](#)
  - [Farta de flores](#)
  - [Quem se lembra](#)
  - [Três lagos](#)
  - [Petroglifos](#)
- [A ÁRVORE AQUELA](#)
  - [A árvore aquela](#)
  - [Sol por montanha](#)
  - [Momentos](#)
  - [Pedro, Ines, Antonio](#)
  - [Mamita](#)
  - [Na mata](#)
  - [Redes e casuarinas](#)
  - [Arcanjos](#)
  - [O cacto](#)
  - [Catarineta](#)
- [PASMO](#)

- [El malevo](#)
- [Despertar](#)
- [Rondó](#)
- [Viagens](#)
- [Progresso do guarda-chuva](#)
- [Um barão](#)
- [Tô indo](#)
- [Toaleta](#)
- [Mudança de endereço](#)
- [O mundo longe](#)
- [No Paraíso](#)
- [ÍNDICE DE POEMAS](#)
- [Página de direitos autorais](#)



# Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[ARCAICAS](#)

[Do ar](#)

[Corvos](#)

[Milan Gray Milan](#)

[Gotham City](#)

[No gabinete](#)

[The Black-jack Gypsy](#)

[Kipling](#)

[Tela](#)

[Artesão do barro](#)

[Pandora](#)

[LUIZ NO RIO](#)

[Luiz no Rio](#)

[Conversa em curso](#)

[Desaforo](#)

[Lu](#)

[MARES DO NORTE](#)

[Mares do Norte](#)

[Veladuras](#)

[Dádivas](#)

[A lo lejos](#)

[Quadros](#)

[ANDINAS](#)

[Planalto](#)

[Cavalo](#)

[No rumo do leão adormecido](#)

[Farta de flores](#)

[Quem se lembra](#)

[Três lagos](#)

[Petroglifos](#)

[A ÁRVORE AQUELA](#)

[A árvore aquela](#)

[Sol por montanha](#)

[Momentos](#)

[Pedro, Ines, Antonio](#)

[Mamita](#)

[Na mata](#)

[Redes e casuarinas](#)

[Arcanjos](#)

[O cacto](#)

[Catarineta](#)

[PASMO](#)

[El malevo](#)

[Despertar](#)

[Rondó](#)

[Viagens](#)

[Progresso do guarda-chuva](#)

[Um barão](#)

[Tô indo](#)

[Toaleta](#)

[Mudança de endereço](#)

[O mundo longe](#)

[No Paraíso](#)

[ÍNDICE DE POEMAS](#)

[Página de direitos autorais](#)